

Aguarelas vivas pela vontade da APOTEC, Secção de Coimbra

2 de julho de 2016

Quando o inesperado acontece nas nossas vidas, principalmente quando se trata de algo que nos faz sentir um ser pequenino, ante a imensidão do maravilhoso que nos abraça, nada melhor que deixar incrustado nesse instante, um registo meritório de tudo quanto nos foi proporcionado. Por isso, não foi preciso insistir com o meu estro, para me saltar para a folha do livro de memórias do Museu de Piódão algumas palavras que serviram para traduzir todo o sentimento que dentro de mim fervilhava:

“Uma parte recôndita do meu Portugal profundo que não conhecia ainda... E a minha alma levita, estagnada numa dimensão imensurável, pelo fascínio possível e por uma enorme paz que, espero, levar daqui para o tumulto da cidade que me espera. 02/07/2016”

Sim. Tal como referi no ano anterior, ansiei, reconheço, para saber qual a vértebra a descobrir, do nosso Portugal, numa nova aventura proporcionada pela vontade irracional dos elementos que dão corpo e voz à Secção Regional de Coimbra, que tudo fazem para satisfazer a curiosidade dos aventureiros que os seguem fielmente.

Como ´de costume, a concentração deu-se no Clube de Remo, onde nos aguardava um Autopullman. Depois dos cumprimentos useiros nestas circunstâncias, por parte de todos os participantes, (muitos deles, vieram de muitas outras vértebras de Portugal e só se (re)veem neste encontro), partimos para Sandomil, uma aldeia do Concelho de Seia, tendo-nos sido ofertado, durante o percurso, pelo presidente da Direção Regional de Coimbra, Álvaro Costa, a(s) história(s) ancestrais atinentes aos locais a serem visitados, relatos que não só revelaram empenho e dedicação, através de uma pesquisa que exigiu algum do seu tempo pessoal, como também complementavam o conhecimento da vértebra portuguesa que iria ser esventrada pela nossa vontade de a querer conhecer mais e melhor e de a sentir como nossa pertença natural. A magnífica Serra da Estrela, mesmo sem o seu manto alvo, mostrou-se imponentemente inatingível. Dona e senhora de todo o perímetro ofereceu-se-nos majestosamente altaneira.

Depois de percorrermos as calçadas de Sandomil e de observarmos as casinhas típicas da aldeia, o antigo edifício dos Paços do Concelho que, presentemente, é uma casa brasonada, fomos ressarcidos com um “banquete” à boa maneira serrana, onde não faltaram os enchidos, o queijo da serra, o mel acompanhado com o pão de Seia, as azeitonas... e o desejo de continuar a comer mais, não fosse a ordem para arrancarmos porque o tempo, esse rei e senhor, nesse dia, continuou a imperar, na sua postura assertiva, mas, mesmo assim, não conseguiu tirar-nos o sabor da nossas bocas da boa gastronomia da terra.

Mas o melhor (se é que posso usar a palavra “melhor” quando me refiro ao encanto e a toda a magnificência das entranhas profundas do nosso país) estava para vir...

... Piódão... Aldeia presépio... Aldeia em forma de anfiteatro... Mas eu apelido-a de Aldeia negra e atrevida. Vestida de negra de uma ponta `outra, com paredes em

xisto e com telhados do mesmo; atrevida, porque, quando o Álvaro teve a ideia de mandar parar a camioneta, para que todos pudessem fazer uma primeira abordagem àquele local, a uma distância que me possibilitou ver toda a aldeia, reparei na sua submissão a uma encosta inteiramente escarpada. De longe, sim, apresentava-se como um presépio completamente engalanado de negro, triste mas maravilhosamente desvendado pela técnica turística do Museu de Piódão que nos revelou a história da aldeia, feita de factos, de gente arrojada, ao longo dos tempos que a ditaram como imóvel de interesse público.

A aldeia de Foz de Égua apresentou-se tipicamente vestida de xisto. Como não pudemos palmilha-la, tentámos tirar o máximo partido num registo que todos tentaram prender nos seus olhares e nas máquinas fotográficas, sobretudo a ponte suspensa que, ainda que não a pudéssemos atravessar, foi possível admirar-lhe o arrojado de quem a pensou e arquitetou.

Por último, Aguincho. Não sei como os organizadores conseguiram “achar” um local como este, lá bem no fundo de uma estrada que não era estrada, íngreme e dura de roer, para se conseguir descer, uma descida impetuosa que nos conduziu a um restaurante que ganhava em tudo pela diferença de ser, de estar e de receber. Não se encontrou quaisquer denários republicanos, mas o viveiro de trutas que serviu de berço ao repasto que nos foi servido, valeu por todos os esforços, para lá chegar. Ainda houve quem conseguisse saciar o vício da pesca, a alegria de colher o vermelho das cerejeiras que saltou de imediato para as bocas e, claro, como não podia deixar de ser, observar a imensidão artística que a natureza nos oferecia, enquanto o manjar nos era servido debaixo dos braços verdes que também nos refrescavam.

O Álvaro informou-nos que era para haver mais, muito mais. No início desta aventura, já nos tinha avisado que era um itinerário arrojado. E foi. Acabámos todos “derreados” e com os pés empanzinados. Mas acabámos o dia com a sensação de se ter atingido o olimpo das terras portuguesas, nas aldeias escolhidas pela APOTEC, Secção de Coimbra. Creio termos sido abençoados por um dia pintado de amarelo e azul, quebrado o calor com a frescura das águas cristalinas que um pouco por todo o lado se nos oferecia de supimpa, abençoados com paisagens paradisíacas e feiticeiras do bem, abençoados por uma viagem equilibrada e bem sucedida pela perícia do condutor Márcio que nos possibilitou vistas fantásticas de todo o contexto geográfico e, abençoados pela vontade férrea e incansável de toda a organização da Secção de Coimbra que, por tudo quanto pude ver, ouvir e sentir, tudo fizeram para agraciar os participantes na (re)descoberta do nosso Portugal profundo, da nossa história, do nosso maior tesouro: a terra onde nascemos e fazemos a nossa história.

Um enorme bem-haja ao Álvaro, ao Fernando Mendes, à Susana, à Júlia, à Maria João, ao Hélder... e a todos os que permitiram, com os seus esforços, que o dia que pudemos viver fosse mais um êxito a juntar aos anteriores. PARABÉNS!

Deolinda Reis